

CIDADE DA
PENUMBRA

LOLITA PILLE
CIDADE DA
PENUMBRA

Tradução de JULIO BANDEIRA

Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2008

TÍTULO ORIGINAL

Crépuscule Ville

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

PREPARAÇÃO

Anna Lee

REVISÃO

Mariana Arcuri

Taís Monteiro

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. RJ

P686c

Pille, Lolita

Cidade da penumbra / Lolita Pille ; tradução Julio Bandeira. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2010.
304p.

Tradução de: Crépuscule Ville
ISBN 978-85-98078-96-0

1. Romance francês. I. Bandeira, Julio. II. Título.

10-3317.

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

2010 / Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 | Gávea | Rio de Janeiro | RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meu pai

“Sempre que o gosto amargo do fastio começa a tomar conta de minha boca; sempre que há um novembro úmido e chuvoso em minha alma; sempre que me vejo parar involuntariamente diante das funerais e ir atrás de todos os enterros que posso, e, sobretudo, quando me sinto tão por baixo, que se faz necessário todo um esforço moral para me impedir de sair intencionalmente à rua e derrubar sistematicamente o chapéu das pessoas — sei, então, que é chegada a hora de partir o mais rápido possível para o mar. Este é o meu substituto para o cano de um revólver.”

HERMAN MELVILLE, *MOBY DICK*

PRIMEIRA PARTE
O GRANDE APAGÃO

Colin Parker desistiu no fim daquela noite fria de 21 de janeiro. Ele não se lembrava mais da data exata. Mas achava que isso acontecera em 21 de janeiro porque a televisão estava o tempo todo mencionando o primeiro aniversário da Guerra Narcótica. Ele se lembrava disso: das entrevistas dos veteranos intercaladas por gravações de campo que arfavam debaixo da trajetória das balas. A noite toda, o pipocar das metralhadoras misturava-se com o da chuva, enquanto ele ia e vinha em seu apartamento, com todos os sentidos agitados tal como um animal enjaulado. Uma atmosfera febril, que geralmente antecede as grandes despedidas, reinou até o amanhecer. Mas Colin Parker não estava de partida. E nunca mais estaria, até sua última viagem.

Ele morria sufocado. Já era surpreendente que houvesse sobrevivido até então. Colin Parker recebera o milagre da morte lenta. Um tubo digestivo em liberdade condicional, que hesitava em desistir e antecipar sua longa agonia vegetal. Às vezes, entre dois porres, era tomado por um acesso de desesperança e pensava estar morto. E, se ele já estivesse morto, jamais iria morrer.

A morte não era aquilo que a gente pensava. Não era um fim. Era uma condenação à perenidade, uma ida sem volta para uma eternidade de torturas imóveis.

A partir do momento em que começou a perder o controle de seu corpo, cada vez se lembrava menos. Sua percepção alterada pelo abuso de psicotrópicos há muito tinha se livrado da incômoda noção de tempo. Da mesma forma como não imaginava um fim para seus tormentos, também era incapaz de presumir sua origem; e se, às vezes, lembranças confusas voltavam, parecia que pertenciam não a uma época passada, mas ao domínio do imaginário, como um lugar utópico, impossível, o qual visitara em sonho, onde tivera uma infância e mulheres, e cujo ar compartilhara caminhando pelas ruas.

Para começar, seu corpo havia se desenvolvido de uma só vez. Seus membros estavam cobertos de carnes em excesso. Sua barriga ficara pesada, atrasando seu passo, englobando em pouco tempo o peito e os quadris, e seu rosto adquiriu no espelho uma aparência infantil um pouco ridícula. Ele ocupava o espaço de uma maneira diferente. O menor movimento tornava-se penoso. Passava noites em claro, virando de um lado para o outro a fim de escapar do desconforto que o privava do sono. Ele comprou soníferos. Suas forças arrefeciam. Ficava logo cansado e esperava ainda mais impacientemente pela hora das refeições.

Depois disso, a forma como o olhavam não era mais a mesma. Sempre provocara indiferença, e isso o magoava. Agora, quem passava por ele o olhava com nojo. Isso o magoava ainda mais. Engolia litros de refrigerantes antidepressivos. Apesar dos repetidos avisos de seu Rastreador, cada dia comia mais. Naquela inesquecível manhã de 21 de janeiro, ele conseguira entrar em apenas um de seus quatro ternos. Calça, colete e paletó cinza-perolado de mescla de lã e lycra. Seu trabalho exigia o uso do terno, e o cinza-perolado, apesar da ameaçadora tensão nas costuras da

calça, que estava quase arrebitando, era a última esperança de Colin Parker. Às oito e meia, nos corredores do Transdistrital, uma multidão de colegiais de uniforme o azucrinou com as primeiras piadinhas do dia. Ele buscou refúgio no banheiro público e constatou, com certo alívio, que a costura havia resistido. Esse episódio, entretanto, serviu para que fizesse uma ideia daquilo que o destino lhe reservava no caso de a costura estourar.

Chegou atrasado ao escritório, Torre Clair-Monde. A maioria dos colegas já estava às suas mesas. Sentiu os olhares cravados nele enquanto atravessava os espaços transformados em campo minado. O amor que dedicava ao seu trabalho lhe provocou um pouco de raiva. Redigiu cinco apresentações de produto para xampus que lavam a seco e cremes de beleza reparadores. Os textos eram concisos e respeitavam as figuras impostas, enriquecendo-as com um toque de humor totalmente pessoal. O comitê, sem dúvida, iria aprová-los do jeito que estavam. Colin Parker sentiu um orgulho que foi imediatamente estragado por um estalo no meio das pernas. Oito ou dez pontos, não mais que isso, tinham arrebitado, mas Colin Parker sentiu, daquele momento em diante, que estava fodido. Era uma questão de segundos. Ao menor movimento brusco, ao menor suspiro, a costura estouraria debaixo dele e ele acabaria de cuecas, à mercê dos olhares. Então, a indiferença polida que reinava no departamento de comunicação dos cosméticos Clair Derm se tornaria um murmúrio de linchamento. Ele seria apontado, às gargalhadas. Tirariam fotos, que então circulariam de um Rastreador para outro, acompanhadas de legendas demolidoras. Talvez até lhe jogassem um grampeador na cara. Depois, as risadas acabariam sendo substituídas por um frio desprezo. Cansados da nova presa, trocariam elogios entre si por serem, comparados a ele, tão bem-dotados. Colin Parker esperou pelo final do dia sem ousar respirar. Às sete da noite, seus colegas seguiram em bando

para os elevadores. Só quando o departamento ficou completamente deserto, ele se mandou com passos miúdos. Pegaria um táxi para voltar para casa.

Na calçada da Torre Clair-Monde, dois táxis recusaram-se a levá-lo. Ele insistiu com o motorista do segundo automóvel, ameaçou dar queixa. O taxista se exaltou e respondeu que o carro dele não era um vagão de gado, arrancou subitamente e o que havia sobrado do terno cinza perolado ficou todo lambuzado de lama. Colin Parker desistiu da ideia do táxi sem, contudo, pensar em se aventurar pelas ramificações do Transdistrital, repletas de gente. Decidiu voltar a pé. As ruas estavam escuras e ele tinha o hábito de andar colado aos muros. Quando chegou ao Texaco Boulevard, aconteceu o que mais temia. Com lycra ou sem lycra, as calças de Colin Parker acabaram com as costuras totalmente abertas. Faltavam ainda quinze minutos de caminhada até seu apartamento, na Torre Alegria. Ele sentia frio, estava com fome e tinha vontade de urinar. Estava sozinho, no meio da rua, metido em seu terno rasgado. Diante dele, um anúncio de jeans exibia, em todo o comprimento da fachada de um prédio, a silhueta esguia de um homem atlético. Parecia que o homem lhe dera uma piscadela vitoriosa e Colin Parker se escondeu num ponto de ônibus para chorar. De fato, aquele homem havia vencido. E ele, Colin Parker, tinha definitivamente perdido.

Ele chorou a noite toda. Quebrou os objetos que eram frágeis. Quebrou o espelho do banheiro batendo nele com o controle remoto, soltando gritos estridentes. Bebeu quase um litro de destilado e o dobro de refrigerante antidepressivo. Lá pelas quatro da manhã, começou a pensar em acabar com sua vida. Procurou, em vão, por um meio indolor. Preferiu acabar com a vodca. Quando adormeceu, as lâmpadas halógenas dos postes já refletiam a aurora através das persianas.

Ele sabia que não iria mais trabalhar.

A cidade tratava bem seus prisioneiros. Colin Parker solicitou ajuda financeira alegando “inaptidão crônica para o trabalho devido a uma deformidade categoria A”. Um médico foi visitá-lo e tentou lhe receitar uma reconstrução plástica. Ele recusou, era direito seu. O médico atestou a categoria para as autoridades competentes, que lhe concederam uma pequena pensão mensal. Uma soma suficiente para cobrir os gastos com alimentos e bebidas, sua conexão com a internet, a TV a cabo e a eletricidade. Ele tinha um Rastreador graças ao qual podia fazer seus pedidos, um receptor isotérmico para encaminhar tais pedidos, um robô doméstico com oitenta e dois por cento de autonomia. Tinha um videotitã e acesso a três mil canais, cuja função holograma lhe permitia projetar seu alter ego escolhido em programas do gênero “aquí o herói é você”, uma função que ele esperava ansiosamente que fosse ativada para os canais pornográficos. Graças ao seu controle remoto universal, ele podia, sem sair da cama, direcionar a tela, modificar o brilho, mexer as venezianas, perseguir o robô.

O mundo exterior, por outro lado, não tinha mais nada para lhe oferecer, exceto alguns encontros infrutíferos com indivíduos que não pareciam ser seus semelhantes, uma vez que seus olhares insistentes o lembravam penosamente de que fugia à regra.

Em casa, era ele quem determinava as regras. Sozinho, permanecia digno, desocupado, finalmente livre. Decidiu que iria descansar por um tempo. Trancou a porta e escondeu a chave. Na tela, o apresentador anunciou a enésima tentativa de purificação celeste, a morte suspeita de Lila Schuller, alguns delitos dos mortos-bancários, o primeiro aniversário da Guerra Narcótica.

Estirou-se sobre a cama e pediu um contrafilé de quatrocentos gramas com batata frita e molho béarnaise, duas pizzas de pimentão, uma omelete, uma porção de pato ao curry, um litro

de sorvete de creme, um pacote de macarons, dois litros de refrigerante Euphore Light sabor gengibre e quatro travesseiros, medindo sessenta e cinco por sessenta e cinco centímetros. No canal Luz das Estrelas, era anunciado um filme com Lila Schuller na matinê, seguido da retransmissão de sua necropsia.

Colin Parker suspirou de alegria, aumentou o volume ao mesmo tempo que abençoava a Cidade e o Progresso que lhe estavam sendo finalmente oferecidos; ele estava pronto para começar a viver.

E viveu, segundo seus votos, mais de dez anos.

Estendido toda a noite, todo o dia, os olhos chumbados na tela, o controle remoto ao alcance da mão, ele comia. Ele comia o tempo todo, sem parar, sem prazer. Pouco importava se a comida estava quente ou fria, boa ou ruim, crua ou cozida, sólida, líquida, fresca, viva, vencida, nojenta. O que importava era o gesto mecânico da colher até as mandíbulas, as mandíbulas trabalhando, o estômago em ação. Engolir o suficiente para enganar, na incapacidade de preencher, o vazio que crescia dentro de si. Para aplacar suas entranhas transformadas em Fúrias, que não paravam com suas exigências. Seu corpo o possuía, tornara-se escravo de seu aparelho digestivo. Logo, não havia nem dia, nem noite, nem tempo. O vício contumaz desfez os ciclos que punham ordem no tempo para recriar sua própria alternância de saciedade fugaz, de eterna frustração, até durante o sono, até mesmo no momento preciso em que era satisfeito. A fome o suplicava mesmo no instante em que estava comendo.

O primeiro ano foi tranquilo; o segundo, indiferente; o terceiro, difícil. A partir do quarto ano, sua memória começou a ficar confusa, seu espírito, a enfraquecer. Ele continuava a engordar. Dormia sentado, com medo de sufocar durante as raras horas de sono. Sua solidão tornava-se cada vez menos sustentável. As doses maciças de antidepressivos que ele se autoadmi-

nistrava para suportar a si mesmo devastavam seu sistema nervoso. Tinha pesadelos, sonhava com fluidos orgânicos palpitantes, com slogans publicitários hipnóticos, com aves de rapina que lhe arrancavam as vísceras. Ele se perdia numa inóspita não zona, onde, enlouquecido pela privação, acabava por se autodevorar. Uma noite, sonhou que as carniças com que se alimentara haviam ressuscitado em seu ventre e estavam se debatendo. Acordou sobressaltado, os punhos cerrados, o abdômen moído pelos golpes que se autoinfligira para eliminar os monstros imaginários.

Seus sonhos e os cardápios de suas refeições eram, essencialmente, os acontecimentos que a partir daquele momento constituíam sua existência. Se bem que, de maneira marginal, ele não escapava aos preceitos e era compelido a realizar todos os dias os onze minutos de confissão compulsória. De manhã e à noite, numa hora determinada, seu Rastreador tocava e a Vóz lhe fazia a pergunta consagrada: “Estimado Assinante, como estás?” As respostas de Colin Parker variavam segundo as substâncias ativas. Às vezes, em plena viagem de refrigerante com ópio, Colin Parker começava a entoar uma canção brasileira que falava de insensatez. Algumas notas bastavam para se lembrar de sua mãe. Dela, restava quase nada. Apenas uma derradeira imagem com cores esmaecidas devido às evocações. A mãe voltava do bar, onde trabalhava, com a primeira claridade do amanhecer. Ela se sentava diante da casa, diante do mar, com uma garrafa e um copo. Colocava um disco e virava o som para o horizonte. Ela se embebedava até o meio-dia. Era sempre o mesmo disco, um ritmo de bossa nova infinitamente triste. Então todos os litorais foram evacuados, a sombra encobriu a Cidade e a mãe partiu. E Colin Parker ficou sozinho. A solidão de Colin Parker. Várias vezes, Colin Parker digitava por conta própria a tecla C de Confessionário e, horas a fio, ficava repetindo que estava só. Quando a chamada

da Grande Central o pegava em plena crise ansiolítica, suas confissões se limitavam a enumerar as coisas que havia comido ou que pensava comer. Nesse estado, em que nada importava, Colin Parker se considerava quase feliz. Mas tais momentos de enlevo, à medida que seu corpo se habituava aos remédios, foram ficando cada vez mais raros. Ele aumentou as doses. Variou os tipos. Fez misturas. Toda vez que conseguia recuperar seu alívio, era sempre por um curto período, até que o refrigério desaparecesse de novo. Ele atingiu doses cujo preço, para qualquer um, seria a morte. Mas o efeito que tinham nele era o de uma leve sonolência. Passou da codeína para os hipnógenos, dos hipnógenos para as benzodiazepinas, dos benzos aos antidepressivos, dos antidepressivos aos psicofármacos. Dos psicofármacos para a heroína legal. Da heroína legal para os comprimidos de ópio.

Ficou no ópio.

Foi tomado pela demência ao longo do quinto ano. Pode ser que todas aquelas drogas o tivessem deixado maluco. Pode ser também que o mal estivesse adormecido nele há muito tempo e que a droga apenas o tivesse feito desabrochar. Tinha dias que Colin Parker estava convencido de que um parasita havia tomado conta de seu corpo. Em várias ocasiões, ele o descrevera durante a confissão como uma “besta de pesadelo, um animal infame com o apetite de um barril furado e dentes longos como facas”. Colin Parker acreditava que esse parasita tinha a intenção de implodi-lo. Apesar de sua força extraordinária, o animal tinha um calcanhar de Aquiles que Colin Parker achava possível explorar para vencê-lo. A besta era alérgica a vinagre. Mesmo seu assistente social tendo garantido que seu organismo certamente não abrigava nenhum animal desse tipo, Colin Parker começou a beber dois litros de vinagre por dia. Disso resultaram terríveis dores gástricas que o convenceram da ineficácia de sua estratégia defensiva.

As dores de barriga eram, é claro, um golpe do parasita. Colin Parker resolveu partir direto para a amputação.

Foi na manhã do dia 26 de maio que começou a rasgar suas carnes. Devido à influência dos opiáceos, só sentiu a dor vinte e cinco minutos depois. Tivera tempo de realizar, no próprio corpo, um orifício de alguns centímetros de profundidade. Desmaiou quando viu o sangue, um sangue borbulhante de um vermelho-lava. Ele permaneceu em coma por seis dias inteiros.

Acordou sôfrego, com as ideias clarificadas pela sangria e com um apetite de ogro. Estavam reunidas as condições propícias para a remissão.

E, finalmente, foi a televisão que o salvou.

Durante cinco anos, Colin Parker nunca havia parado de engordar. Agora, parecia feito de um só bloco. Mesmo que acreditasse, a cada quilo que ganhava, ter atingido seu limite — aquele que não poderia alcançar sem que explodisse —, seu corpo parecia capaz de dilatar-se ao infinito. Sua pele ficara azulada. Suas veias incharam por baixo da pele. Ele tinha escaras. Estava ficando cada vez mais fraco, caía em ruína, seu coração batia em rendição e seus membros chumbados recusavam-se ao menor movimento, mas nada disso tinha importância, uma vez que a tela da TV estava lhe restituindo tudo. Na penumbra do cômodo, com as venezianas fechadas, em seu abandono, em sua negra solidão, a tela da TV lhe havia oferecido a luz. E ele corria sem fôlego pelas margens dos oceanos que lhe tinham sido proibidos, enfiando os pés até o tornozelo no calor da areia, redescobrimo suas pernas. Era capaz até de voar cortando o ar, os olhos fechados, ébrio do vento que lhe fustigava a fronte, até o coração das nuvens em um céu alumbrado. Ele que havia sofrido, numa vida inteira de misérias, os ultrajes dos outros sem ousar responder-lhes, calava agora suas bocas com socos e mordidas, fazendo seu sangue jorrar até que eles gritassem por piedade. Em segui-

da, mudava de programa e reencontrava suas mulheres, belas como lembranças retificadas, todas aquelas que o rejeitaram e aquelas que ele inventava, para depois transar com uma após a outra, sem brochar; e nunca havia imaginado que as mulheres pudessem berrar daquele jeito.

Ele era um justiceiro, um herói, um super-homem, o bonzão, estava mais vivo do que nunca em forma de pixels em movimento na tela redentora, a tela-espelho que lhe devolvia o rosto que ele sabia rejuvenescido, remodelado, virgem de todas as dores, belo como o cartaz de publicidade 3x3 no muro em frente. E os olhos abertos do verdadeiro Colin Parker perscrutavam as profundezas do espelho encantado, piscando incrédulos, diante do espetáculo lastimável de um homem enorme e feio, visível em ângulo morto no outro lado do cômodo.

Por fim, na noite do Grande Apagão, quando Colin Parker se deu à morte, ele estava justamente começando a melhorar.